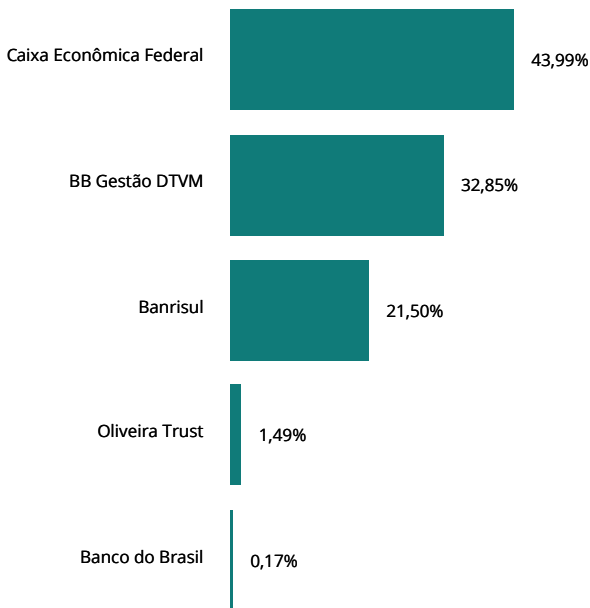


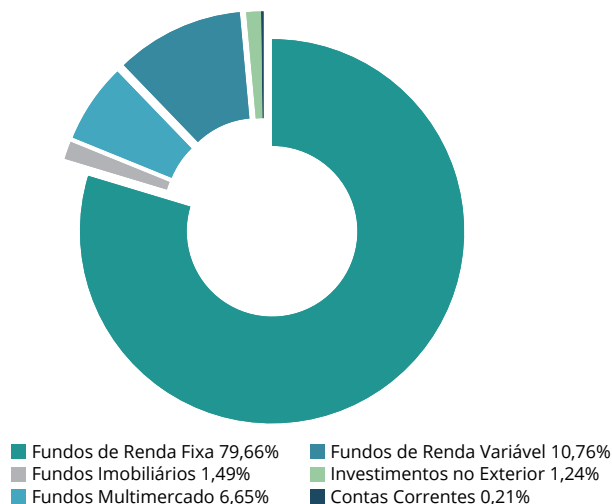
FPSM - BOA VISTA DO SUL

Os recursos do FPSM - Boa Vista do Sul são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência. A diretoria do RPPS, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos.

DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR INSTITUIÇÃO FINANCEIRA



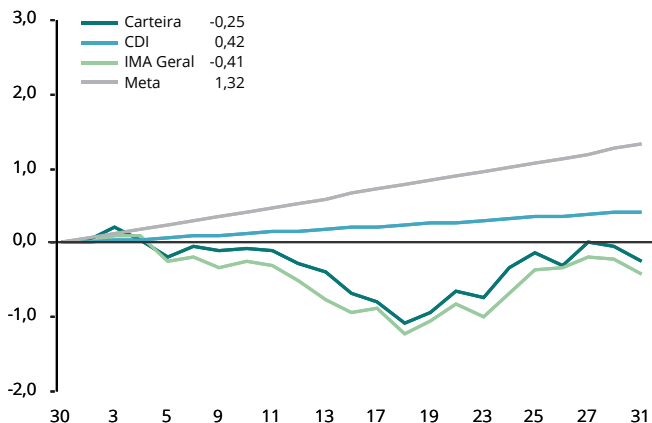
DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR SEGMENTO



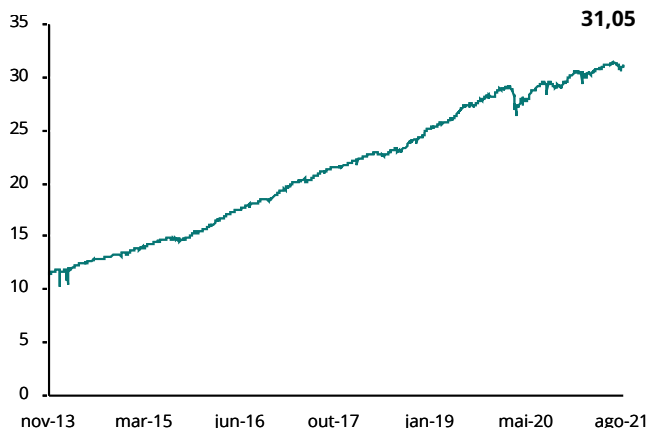
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 12 MESES
FPSM - Boa Vista do Sul	-0,25%	1,71%	5,53%
META ATUARIAL - INPC + 5,42% A.A.	1,32%	9,73%	16,62%
CDI	0,42%	2,06%	2,70%
IMA GERAL	-0,41%	-0,37%	1,87%
IBOVESPA	-2,48%	-0,20%	19,54%

RENTABILIDADE ACUMULADA NO MÊS (EM %)



EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO (EM R\$ MILHÕES)



FPSM - BOA VISTA DO SUL

O mês de agosto foi turbulento para os mercados local e mundial. No exterior, a principal preocupação foi com a variante delta do coronavírus, que está levando a um aumento no contágio, principalmente em países com baixa taxa de vacinação ou com maior resistência às vacinas. No Brasil, as preocupações com a inflação, o receio sobre um estouro no teto de gastos do ano que vem e as tensões entre os três poderes deterioraram as expectativas para mercado interno.

Logo no início do mês, a retirada de tropas estadunidenses do Afeganistão levou a uma crise política no país, culminando na tomada de poder pelo grupo extremista Talibã, sem qualquer resistência do governo anterior. Apesar de ser uma situação nova e relativamente inesperada para a geopolítica mundial, a notícia não afetou de forma significativa os mercados globais, devido ao baixo risco que o evento representa para a economia do mundo.

A variante delta, por outro lado, foi um importante foco de atenção dos mercados, cujas preocupações giraram em torno de possíveis retrocessos na recuperação econômica dos países afetados pelo aumento de contágio, além de possíveis quebras em cadeias de produção globais. Nos Estados Unidos, onde o processo de vacinação ficou próximo da estagnação devido à alta resistência às vacinas em alguns locais, o futuro da atividade econômica ficou mais incerto, conforme o número de novos casos aumentava significativamente em regiões com menor índice de imunizados. Na Europa, alguns países passaram a aplicar medidas mais duras de distanciamento social, na tentativa de conter a dispersão do vírus. Já na China, mais regiões começaram a ser fechadas devido ao surgimento de novos focos de infecções, o que levou os mercados a recearem novas quebras nas cadeias de produção, caso algum porto ou fábrica importante tivesse suas atividades interrompidas. Todos esses fatores contribuíram para um aumento na insegurança dos mercados durante o mês de agosto, levando a resultados mais fracos para os mercados globais.

Os preços das commodities foram voláteis ao longo do mês de agosto, imprimindo uma maior volatilidade também nos mercados brasileiros. Os principais fatores para isso foram a crise no Afeganistão, que afetou temporariamente os preços de petróleo, o aumento de incertezas sobre a retomada econômica global e a decisão do governo chinês de limitar a produção de aço, de forma a cumprir a sua meta de produzir menos aço neste ano do que em 2020. Essas variações nos preços de commodities afetaram principalmente o mercado de renda variável brasileiro, levando a maior volatilidade e contribuindo para resultados mais fracos no período.

Em agosto, as preocupações com a retirada de estímulos monetários ao redor do mundo continuaram a afetar as expectativas, de modo que os mercados continuaram atentos às sinalizações dos bancos centrais sobre as suas conduções para a política monetária de cada país. O banco central britânico manteve sua taxa de juros inalterada em 0,1% na reunião ocorrida no mês, ressaltando a visão de transitoriedade para a inflação local. O que mais gerou resposta dos mercados, no entanto, foi a comunicação feita na ata da última reunião do Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC) sobre a taxa de juros dos Estados Unidos, que aumentou as preocupações ao indicar que o Federal Reserve (Fed) poderia começar a reduzir seu programa de compra de títulos ainda neste ano, caso a economia estadunidense continuasse a se recuperar de maneira robusta e certas métricas fossem atingidas. Ao final do mês, o presidente do Fed, Jerome Powell, levou alívio às expectativas, ao afirmar que não havia pressa para o aumento de juros no país, que deveria ficar apenas para 2023, além de também reforçar a visão de transitoriedade da inflação local.

Os indicadores divulgados ao longo do mês demonstraram arrefecimento na recuperação econômica de diversos países, contribuindo para a incerteza sobre a economia global no curto prazo. Na zona do euro, as vendas no varejo cresceram menos do que o esperado em junho, com alta de 1,5% frente a maio, enquanto a sua produção industrial retraiu 0,3% na mesma base de comparação, refletindo o aumento de insegurança frente à ameaça de uma nova onda de contágio de covid-19. Já na China, a produção industrial cresceu 6,4% e as vendas no varejo 8,5% em julho em comparação ao mesmo mês de 2020, abaixo das expectativas de 7,8% e 11,5%, respectivamente. Por fim, nos Estados Unidos as vendas no varejo caíram 1,1% em julho frente a junho, resultado pior do que a queda esperada de 0,3%. Esses resultados refletiram principalmente o aumento de temores com a variante delta, assim como seu efeito nos mercados onde o aumento no número de novos casos já era mais forte.

Ainda nos EUA, o Senado aprovou durante o mês um pacote de estímulos de US\$ 1 trilhão para investimentos em infraestrutura, aumentando a perspectiva de estímulos fiscais para o país, o que foi visto como potencial fonte de inflação e crescimento econômico nos próximos anos. Ainda assim, o evento não levou a mudanças nas expectativas de curto prazo para a inflação, que se fortaleceram na visão de transitoriedade na alta de preços atual, principalmente após a divulgação do Índice de Preços ao Consumidor (CPI), que cresceu 0,5% em julho frente a junho, apresentando alta anual de 5,3%, resultado em linha com as expectativas.

Aqui no Brasil, além dos fatores externos, pesou muito sobre os mercados as perspectivas para o cenário fiscal, em especial a partir de 2022. Em agosto, aumentou a percepção do mercado de risco de rompimento do teto de gastos no ano que vem, devido principalmente ao forte aumento nos gastos previstos com precatórios para o período, ocorrido por causa de uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) feita em março sobre o recolhimento de ICMS. Essa des-

FPSM - BOA VISTA DO SUL

pesa, que ficou em R\$ 55,4 bilhões neste ano e, se esperava, ficaria próxima desse valor em 2022, aumentou para R\$ 89,1 bilhões, retirando qualquer espaço que o governo teria para expandir seus gastos no ano que vem. Soma-se, ainda, o projeto do governo de expansão do Bolsa Família, que também levaria a um forte aumento de despesas no ano que vem, de forma que ficaria impraticável manter essas despesas sem haver estouro do teto.

Para tentar contornar esses problemas, o governo enviou ao Congresso uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) buscando estabelecer novas regras para o pagamento dos precatórios com valor superior a R\$ 66 milhões. O projeto previa a possibilidade de o governo parcelar essas dívidas mais elevadas, liberando espaço orçamentário para 2022. A visão do mercado, no entanto, foi de que esse projeto ainda assim representaria um furo no teto de gastos, além de poder abrir precedente para a revisão de outras dívidas, o que poderia deteriorar ainda mais a confiança no governo e, conseqüentemente, o cenário fiscal como um todo. Assim, as discussões sobre o assunto ao longo do mês foram acompanhadas atentamente pelo mercado, e contribuíram consideravelmente para a volatilidade no período.

Não bastasse a dubiedade sobre o cenário fiscal, o cenário político brasileiro também se mostrou conturbado, o que levou a uma incerteza ainda maior sobre o rumo das contas públicas no ano que vem. Diversos fatores contribuíram para esse aumento de tensões no meio político, como desentendimentos entre membros do governo e do Congresso e questionamentos do Executivo sobre a confiabilidade do processo eleitoral brasileiro. Já no início do mês foi cancelada uma reunião que ocorreria entre os líderes dos três poderes, devido a atritos entre o presidente Jair Bolsonaro e o STF. Ainda, vários outros pequenos pontos de estresse político foram se acumulando ao longo de agosto, causando um forte aumento de receios nos mercados de que projetos para contenção de gastos e da agenda de reformas seriam deixados de lado, o que provocaria aumento na volatilidade e causaria quedas expressivas tanto no mercado de renda fixa quanto no de renda variável.

Já pelo lado da economia, os mercados voltaram sua atenção para a inflação e para comunicações do Banco Central (BC) no mês de agosto, após decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) de aumentar em 1 ponto percentual a taxa Selic, para 5,25%, em sua reunião ocorrida no início do mês. Ainda que o aumento já fosse amplamente esperado, mudanças na comunicação do comitê elevaram as expectativas para a taxa de juros neste ano. Em sua ata, o comitê enfatizou a persistência da inflação em níveis elevados, além de indicar um aumento nas suas projeções para o IPCA em 2021, que prescreveriam uma política monetária mais restritiva. Além disso, o Copom adiantou mais um aumento na reunião seguinte e anunciou uma mudança no seu alvo da política monetária, que passou a ser de elevar a taxa de juros para um nível acima da taxa neutra, fator este que foi o principal responsável pelas revisões de expectativas do mercado. Em fala, o presidente do BC, Roberto Campos Neto, ressaltou a importância do cenário fiscal para o trabalho da autoridade monetária, contribuindo para uma influência ainda maior do estresse no cenário político e fiscal sobre os resultados do mercado.

Próximo ao final do mês, Campos Neto demonstrou uma visão mais otimista sobre a situação corrente do cenário fiscal e dos indicadores econômicos, o que trouxe certo alívio para os mercados sobre a condução da política monetária. Esse alívio, no entanto, não durou muito, com dados preliminares de inflação para o mês ficando acima das expectativas e com a continuidade de crise hídrica, que seguiu pressionando os preços de energia elétrica. O anúncio de uma nova bandeira tarifária pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), que ficaria acima da bandeira vermelha de patamar 2, que até então era a mais alta, contribuiu também para esse aumento de preocupações com a inflação e com a condução da política monetária no curto prazo.

Já em relação à atividade, dados divulgados ao longo de agosto, referentes a junho, continuaram a demonstrar os efeitos da reabertura econômica naquele mês. A produção industrial ficou estável entre os meses de maio e junho, resultado em linha com as expectativas. Já as vendas no varejo caíram 1,7% em junho frente a maio, resultado contrário às expectativas de alta de 0,7%. Essa queda no setor de comércio, no entanto, representou uma substituição do consumo de bens pelo consumo de serviços naquele período, algo já observado em outros países onde a reabertura ocorreu de forma mais rápida. O volume de serviços cresceu 1,7% em junho frente a maio, resultado bem acima dos 0,2% esperados. Com isso, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) cresceu 1,14% na mesma base de comparação, ficando acima dos 0,4% esperados pelo mercado e indicando que, embora alguns setores tenham desempenhado de forma insatisfatória, a atividade econômica como um todo havia continuado a crescer em junho. Esses dados, em conjunto com o otimismo quanto ao processo de vacinação no segundo semestre, contribuíram para manter a visão do mercado de uma boa recuperação econômica neste ano, o que influenciou também o aumento na inflação esperada para este ano.

Frente a esse contexto, os mercados brasileiros sofreram no mês de agosto, influenciados principalmente pelo cenário político e fiscal do país. Preocupações sobre o cenário externo afetaram o mercado de renda variável, embora com menor peso, enquanto a inflação foi um fator relevante para os resultados observados na renda fixa. Dessa forma, o Ibovespa, principal índice da bolsa brasileira, fechou o mês de agosto com queda de 2,48%, enquanto os principais índices de renda fixa, em especial os mais longos, também entregaram resultados negativos.